

Entrevista com Renato Mendonça: a Escola de Espectadores de Porto Alegre

OLÍVIA CAMBOIM ROMANO

■ 318

Professora efetiva da Universidade Regional de Blumenau (FURB) desde 2006, onde atua no curso de Teatro do Departamento de Artes. Graduada em Licenciatura em Artes Cênicas e Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade da Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), sob orientação do Prof. Dr. Gláucio Machado Santos. Integra o G-PEC-Grupo de pesquisa em Encenação Contemporânea - Linha de Pesquisa Processos Educacionais em Artes Cênicas. Autora do livro "Uma arena no museu: reflexões sobre a primeira montagem de Brecht em Santa Catarina" (Blumenau: Edifurb, 2010).

■ RESUMO

Nesta entrevista, Renato Mendonça, jornalista, dramaturgo e coordenador da Escola de Espectadores de Porto Alegre (criada em 2013), expõe questões pertinentes às transformações que a EEPA vem passando ao longo de seu funcionamento, às dinâmicas dos encontros, à seleção dos espetáculos-tema e enfatiza o estímulo da Escola para que seus participantes tenham autonomia crítica e discutam junto com criadores as peças teatrais tratadas nas aulas. O coordenador da EEPA apresenta o perfil dos participantes e a busca da coordenação em manter a programação da Escola de Espectadores atrativa e estimulante para seus integrantes.

■ PALAVRAS-CAVE

Escola de Espectadores, Porto Alegre, Teatro.

■ ABSTRACT

In this interview, Renato Mendonça, journalist and coordinator of Spectators School of Porto Alegre (created in 2013), presents the dynamics of the meetings, on the selection of plays and emphasizes the stimulation of school so that its participants have critical autonomy and discuss with the artists the spectacles treated in class. The coordinator of EEPA exposes on the profile of participants and the pursuit of coordination in maintaining programming Spectators School of attractive and stimulating for its members.

319 ■

■ KEYWORDS

Spectators School, Porto Alegre City, Theater.

Introdução

A Escola de Espectadores de Porto Alegre (EEPA), criada em 2013 pela Coordenação de Artes Cênicas (CAC) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), é coordenada desde sua inauguração pelo jornalista e dramaturgo Renato Mendonça.

A EEPA, primeira e única até o momento em funcionamento no Brasil, tem como inspiração a Escuela de Espectadores de Buenos Aires (EEBA), fundada em 2001 pelo professor e crítico teatral argentino Jorge Dubatti. A EEBA tem se destacado no cenário teatral latino-americano; pois, desde o seu surgimento, vem servindo de modelo para criação de espaços semelhantes em diversos lugares, como Distrito Federal/México (2004 e 2015); Montevideo/Uruguai (2006); La Paz/Bolívia (2012); Lima/Peru (2012); Medellín/Colômbia (2013) e Porto Alegre/Brasil (2013).

As aulas da EEPA consistem em debates sobre os espetáculos de teatro em cartaz na cidade, juntamente com os artistas envolvidos. As aulas da EEPA, gratuitas e sem exigência de pré-requisitos para participação, são ofertadas quinzenalmente nos sábados pela manhã na sala Álvaro Moreyra do Centro Municipal de Cultura

Lupicínio Rodrigues. O programa da EEPA, enquanto exemplo atual de mediação teatral, promove a aproximação entre a obra e o público e fornece ferramentas para os espectadores ampliarem a fruição e a compreensão dos espetáculos.

Na entrevista abaixo, realizada em 29 de junho de 2015 em Porto Alegre, o jornalista gaúcho conta como surgiu a ideia de abrir a EEPA, expõe questões pertinentes às dinâmicas dos encontros e à seleção dos espetáculos-tema. Enfatiza o estímulo da Escola para que seus participantes tenham autonomia crítica e discutam junto com criadores as peças teatrais tratadas nas aulas. O coordenador da EEPA apresenta o perfil dos participantes, a importância do momento do café para convivência entre os alunos e os artistas, e a busca da coordenação em manter a programação da Escola de Espectadores atrativa e estimulante para seus integrantes.

Entrevista

Entrevistadora: *Como surgiu a ideia de abrir uma Escola de Espectadores em Porto Alegre?*

■ 320 **Renato Mendonça:** Creio que o elemento detonador foi um encontro da ABRACE aqui em Porto Alegre [VI Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas] em 2011. Um dos convidados foi o argentino Jorge Dubatti, cujos trabalhos são muito usados e discutidos no meio acadêmico, especialmente no Mestrado em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde me formei como Mestre. Como eu fui editor de teatro por 15 (quinze) anos no Zero Hora, o maior jornal do Rio Grande do Sul, no Mestrado me convidaram para eu ajudar nas revistas eletrônicas do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Durante o encontro da ABRACE, entrevistei o Dubatti, entrevista publicada no periódico Cena. Fiquei muito provocado por aquelas ideias, por aqueles conceitos, pelas perguntas e respostas que ele propunha sobre convívio teatral, e, especialmente, sobre a experiência da Escola de Espectadores de Buenos Aires, fundada por ele em desde 2001. Por esta época, eu também atuava como jurado do Prêmio Açorianos de Teatro Adulto [realizado anualmente pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), através da Secretaria Municipal da Cultura (SMC)]. Em conversas com o Breno Ketzer Saul [coordenador da Coordenação de Artes Cênicas da SMC/PMPA], falei sobre a importância de termos uma Escola de Espectadores aqui; o Breno também já tinha a ideia de fazer um projeto nesse sentido. No final de 2012, o Breno me convidou para coordenar a Escola de Espectadores de Porto Alegre. A Escola de Espectadores é um projeto da CAC da SMC/PMPA e é coordenada por mim desde seu início, em março de 2013. Não tenho vínculo com a PMPA. A PMPA empresta os funcionários para ajudarem na parte administrativa e burocrática, além de ceder os locais para as aulas, normalmente a Sala Álvaro Moreyra.

Entrevistadora: *Quantas pessoas estão envolvidas na organização para que as aulas da Escola de Espectadores aconteçam?*

Renato Mendonça: Normalmente, eu, um técnico que cuida da iluminação da sala e duas funcionárias da CAC. Então, eu te diria que são três pessoas da Prefeitura e eu. A infraestrutura da EEPA é a sala, um laptop, um projetor multimídia, um telão, um banner da EEPA para reforçar o caráter institucional.

Entrevistadora: *Segundo as informações que obtive até agora, acredito que a Escola de Espectadores de Porto Alegre segue o modelo da Escuela de Espectadores de Buenos Aires.*

Renato Mendonça: O Breno já assistiu a aulas da Escola de Espectadores de Buenos Aires; mas eu não assisti ainda, então não posso te dizer. O que eu sei foram as trocas de informações, impressões e ideias com o próprio Dubatti quando ele veio para a aula inaugural da Escola aqui em Porto Alegre. No entanto, te digo que é inevitável que cada escola siga o seu modelo.

Entrevistadora: *Então vocês não têm como modelo a Escuela de Espectadores de Buenos Aires? Vocês são apenas inspirados pela ideia de uma Escola de Espectadores?*

321 ■

Renato Mendonça: O que eu posso te dizer é que o modelo que nós temos usado ao longo desses dois anos e meio (desde março de 2013) tem se transformado. Na nossa primeira aula, por exemplo, tivemos uma palestra com Jorge Dubatti e depois a participação de Patrícia Fagundes, diretora do espetáculo “Natalício Cavallo”, que era nosso espetáculo-tema. Amparei-me na experiência que eu tinha como jornalista e conversei com a Patrícia Fagundes por cerca de uma hora. Depois nós abrimos a fala para o público opinar e fazer questionamentos. Confesso que, nessa ocasião, fiquei decepcionado com a participação do público. Evidentemente, havia muitas pessoas conhecidas minhas na plateia, e depois pedi a elas para me repassarem uma impressão sincera e crítica sobre o que tinha acontecido. De alguma maneira, esses comentários vieram ao encontro do que eu tinha pensado, ou seja, aquele formato de entrevista não privilegiava a participação dos alunos, não estimulava o papel ativo dos alunos. Na verdade, eles eram meros espectadores e a eles foi concedido apenas o direito de fazerem perguntas no final da entrevista. Posteriormente, eu e o Breno conversamos, com base em todas essas impressões, e já para a segunda aula fizemos mudanças. Algumas delas, fundamentais. Por exemplo: não realizar as aulas no Teatro Renascença, porque o palco italiano implicava em um distanciamento entre os alunos e os convidados e isso, de alguma maneira, esfriava aquela relação; segunda, não manter a plateia no escuro. Na primeira aula, deixamos a plateia no escuro, mas depois definimos que a iluminação deveria colocar em pé de igualdade palco e público. Além disso, fomos caminhando, a partir do segundo semestre de 2013, se não me falha a memória, para o seguinte formato: as aulas divididas em três momentos. No primeiro momento, eu compartilho algumas experiências com os alunos sobre o espetáculo escolhido como espetáculo-tema, apresento uma breve trajetória do grupo, falo um pouco sobre o diretor e/ou sobre o ator convidado, contextualizo o trabalho na cena teatral porto-alegrense, embora discutamos espetáculos-tema nacionais também. No segundo momento, abrimos para os alunos se expressarem livremente, com as luzes acesas, com os artistas senta-

dos na plateia, normalmente sem se identificarem e sem haver nenhum tipo de distinção para eles. Somos eu na frente e os alunos opinando e levantando questões, inclusive propondo alternativas de encenação, comparando com outras experiências deles, colocando o retorno deles sobre o espetáculo-tema de maneira livre e espontânea. No terceiro momento, nós chamamos os artistas para frente, e, em geral, esses artistas já anotaram algumas questões levantadas. Aí, sim, eles conversam com os alunos. O importante é que nós garantimos que os alunos tenham um momento de primazia, com praticamente o monopólio de opinar. Eu, inclusive, me esforço para não expor a minha impressão do espetáculo, para não influenciar a opinião deles. Embora deva confessar que às vezes interfiro. Sabemos que os criadores, que os responsáveis pelo espetáculo estão ali junto de ti, os alunos sabem que os artistas estão ali. Então, às vezes, eu coloco uma percepção minha para estimular as pessoas a se colocarem; essa é uma responsabilidade que eu acho que tenho para conduzir bem o debate. Normalmente, são posições mais críticas. Eu, de alguma maneira, coloco aquele assunto na pauta e isso facilita a manifestação das pessoas. Mas, tento me manter o mais à parte possível.

■ 322 **Entrevistadora:** *A Escuela de Espectadores de Buenos Aires serviu como uma inspiração, digamos. Mas, pelo o que vocês leram, pelas conversas que vocês tiveram com o Dubatti, pelas informações que vocês obtiveram pela internet, você acredita que há alguma dinâmica, algum fundamento, algum conceito que seja caro para o professor Dubatti – por exemplo, que vocês utilizam aqui na EEPA?*

Renato Mendonça: Eu recomendo que você entreviste o Breno Ketzer Saul, porque ele assistiu a aulas da Escola de Espectadores de Buenos Aires. Ele pode te falar sobre as diferentes dinâmicas das Escolas, pode comparar as didáticas, pode fazer uma comparação. Mas, em relação aos conceitos, acredito que temos em comum fomentar a autonomia crítica do aluno, a participação e emancipação crítica. Esses são conceitos e fundamentos muito caros à ideia original da Escola de Espectadores que o Dubatti levantou em 2001. Eu e o Breno estamos sempre buscando uma maneira de renovar a Escola. Sempre digo para os alunos que a Escola é como um espetáculo, pois ela tem que se renovar e tem que ser interessante o tempo inteiro para os alunos; até porque é uma Escola com uma característica bem especial, na medida em que você se matricula e não tem um prazo para terminar o curso; o aluno permanece na Escola quanto tempo quiser. Claro, a Coordenação de Artes Cênicas dá comprovantes de frequência semestralmente aos alunos que atinjam, no mínimo, 75% de presença. Mas, nós temos que manter os alunos interessados e mobilizados nas aulas o tempo inteiro; assim, durante o segundo semestre de 2013 e no decorrer de 2014, convidamos a professora Graça Nunes para, na primeira parte da aula, ela fazer uma introdução teórica. Buscávamos alinhar a introdução teórica com a peça que nós tínhamos assistido. Por exemplo, “Marxismo Ideologia e Rock’n Roll”, uma peça política, teve uma introdução sobre teatro político; outra peça bem emblemática foi “Os Homens do Triângulo Rosa”, quando trabalhamos o tema sexo no teatro; e assim por diante. Mas também vimos a necessidade de renovar isso, porque, de repente, os conteúdos começam a se repetir. Então, durante este ano (2015) nós estamos usando outro método. De acordo com cada espetáculo-tema, escolhemos um elemento de encenação para ser discutido na primeira

parte da aula por um dos artistas que está envolvido no espetáculo-tema. Exemplificando: em “As Quatro Direções do Céu”, dirigido pelo Camilo de Lélis, uma das coisas que chamava a atenção era o cenário - feito em grande parte com sucata de latas de cerveja e de refrigerante. Então convidamos o cenógrafo e arquiteto Felipe Helfer para falar sobre o elemento de encenação Cenografia. Ele estava viajando, e gravei uma entrevista em vídeo com ele. O Felipe mostrou croquis de como progressivamente foi concebido o cenário de “As Quatro Direções do Céu”, comentou como eles chegaram ao conceito, como eles chegaram à escolha dos materiais, sobre a relação do diretor e dos atores com o cenário, sobre como essas relações foram mudando a cenografia de “As Quatro Direções do Céu”. A última aula do primeiro semestre de 2015 (27 jun. 2015) foi sobre o espetáculo "Fassbinder - O Pior Tirano é o Amor", dirigido pelo Clóvis Massa, com dramaturgia do Diones Camargo. É um espetáculo que mistura a vida e a obra do Rainer Werner Fassbinder, com uma dramaturgia bem especial. Então, nós convidamos o Diones para na primeira etapa da aula falar sobre como foi feita a dramaturgia da peça e para falar um pouco sobre a carreira dele, como ele cria seus textos, sobre os vários métodos que ele usa, onde ele busca inspiração, sobre as várias maneiras que ele, como dramaturgo, se relaciona com os diretores e com os atores de acordo com cada montagem, com cada grupo. Foi uma experiência muito boa. Em "O Mal Entendido", com direção do Daniel Colin, escolhemos para discussão o elemento de encenação Iluminação. Então, convidamos o Carlos Azevedo para falar na primeira parte da aula sobre iluminação em geral e sobre como ele criou a iluminação de "O Mal Entendido". Levando em conta que alguns dos alunos poderiam não ter assistido ao espetáculo, pedi à produção do espetáculo um vídeo integral de "O Mal Entendido". Editamos um vídeo dos momentos mais emblemáticos da luz, e ele foi projetado enquanto Azevedo os comentava. Isso funcionou bem também.

Entrevistadora: *Na aula inaugural deste semestre (24 mar. 2015), em que eu estava presente, você comentou que a EEPA vai inserir uma parte prática nas aulas. Esse procedimento já está em operação?*

Renato Mendonça: Não. Nós tentaremos isso para o próximo semestre (2015/2).

Entrevistadora: Você acredita que em Porto Alegre o “boca a boca” é um elemento definidor para o sucesso ou insucesso de público um espetáculo?

Renato: Sim. Não só aqui, acho que em praticamente todos os lugares. São vários os exemplos de espetáculos que só deram certo porque tiveram mais tempo em cartaz e por isso conseguiram viabilizar um trabalho de “boca a boca” mais efetivo. Lembro de um grande sucesso de público aqui em Porto Alegre, “Se Meu Ponto G Falasse”, dirigido por Júlio Conte. Eles estrearam sem grande alarde, sem grande repercussão; mas parece que um espetáculo que seria apresentado depois dele na Casa de Cultura Mário Quintana teve que ser cancelado, eles estenderam a temporada e esse tempo que eles ficaram a mais em cartaz. Isso foi decisivo para o espetáculo estourar em termos de público. Então, muitas vezes, até o comentário, o espaço na mídia é relativizado pela própria eficiência do “boca a boca”. É claro, que aí entra outro tipo de discussão, o “boca a boca” se dá entre quem? Se dá entre

324

peças do mesmo círculo de amizades, ou seja, é similar a rede social. O problema é que as redes sociais acabam falando para quem quer ouvir aquilo, elas não têm o alcance que uma mídia tradicional, como um jornal, um rádio ou uma TV possuem. Então, a mídia social ou o próprio “boca a boca” garantem público; mas é um público determinado. Por isso que talvez haja essa urgência, esse desejo do teatro, da dança e das artes em geral de ganharem espaço dentro da mídia de massa; por aí é possível desbravar, conquistar públicos diferentes. A Escola de Espectadores, em pequena escala, faz esse papel, na medida em que trouxe pessoas de fora do público tradicional do teatro local para conhecerem, para valorizarem o teatro que é feito aqui. Quando nós lançamos a Escola de Espectadores [em março de 2013] ninguém sabia como divulgar a Escola de Espectadores. Desde o início, queríamos que a Escola de Espectadores não fosse um reduto de quem já fazia teatro, ou seja, nós queríamos pessoas de fora do teatro. Claro, todos são bem-vindos; mas nós não queríamos que a Escola de Espectadores fosse uma escola para pessoas da categoria. A gente queria ir ao encontro desse público novo de pessoas que não conheciam ou que não tinham entrado em contato com o teatro, especificamente local. A Prefeitura colocou à disposição a Assessoria de Imprensa, e visualizamos, a grosso modo, duas maneiras de divulgar a Escola de Espectadores. Uma delas, a maneira tradicional, com release, tentando espaço no jornal, na rádio, na TV; a outra maneira, mais contemporânea, seria a ação nas redes sociais, pedindo para compartilhar posts, criando uma página no Facebook, noticiando repetidas vezes no blog da Coordenação de Artes Cênicas. Então, houve uma divulgação tradicional e uma divulgação virtual, digamos. O que nós percebemos? No momento em que entrou no ar a divulgação pela rede social, as inscrições eram, em geral, de pessoas ligadas à categoria, de pessoas que pelo ofício estavam em contato conosco, eram atores, jornalistas, produtores ligados à área. Quando saíram as matérias nos jornais, as inscrições eram do nosso público preferencial, de pessoas que a gente não conhecia. Então, por aí se percebe como a mídia tradicional é importante para trazer público de fora. Eu te falei isso porque é importante na estratégia de divulgação e de criação da Escola de Espectadores. O Dubatti fala que cada aluno da Escola de Espectadores de Buenos Aires leva 10 (dez) pessoas. Aqui, certamente, não chegamos a tanto. Mas, certamente, há um efeito multiplicador das pessoas, isso é possível perceber, e há uma renovação de alunos também. Mas, a importância existe.

Entrevistadora: *De acordo com a matéria “O espetáculo por outro ângulo”, publicada pelo Jornal do Comércio em 25 mar. 2013, foi colocado que tinham 80 (oitenta) inscritos na inauguração da Escola de Espectadores.*

Renato Mendonça: Não, até tinha mais.

Entrevistadora: Pois é, a matéria diz: 80 (oitenta) inscritos e uma fila de espera. A partir dessas informações, tenho duas perguntas: Há um número máximo de inscrições? Esses 80 (oitenta) inscritos foram assíduos?

Renato: Não são. No momento em que se faz matrículas pela Internet esse número não se reflete em fatos. É preciso levar em conta também que não são sempre os mesmos alunos, às vezes eles vão numa peça, às vezes não vão na outra.

Entrevistadora: *Se o aluno não foi no espetáculo-tema, ele não vai na aula no dia seguinte?*

Renato Mendonça: Isso é uma das coisas que a gente analisa. O fato de a primeira parte da aula ser dedicada a um elemento de encenação é uma maneira de estimular as pessoas a comparecerem, mesmo que não tenham assistido ao espetáculo-tema. Propomos outras alternativas para atrair os alunos que não viram o tema, como, por exemplo, projetando vídeos sobre o espetáculo, como no caso de “O Mal Entendido”. Normalmente, escolhemos espetáculos que ainda estarão em cartaz por algum tempo para facilitar o comparecimento. Eu tenho o cuidado de no início da aula perguntar quem foi ao espetáculo, peço para levantarem a mão, e é sempre uma presença massiva.

Entrevistadora: *Sim, nos dias em que eu assisti as aulas da EEPA, percebi isso.*

325 ■

Renato Mendonça: A gente está tendo uma média de 40 (quarenta) alunos por aula. Essa última aula (27 jun. 2015) tinha menos, uns 20 (vinte) alunos. Isso foi, inclusive, uma decepção; porque a aula foi muito boa. Mas, isso depende também. É preciso levar em conta que é uma coisa de graça e aos sábados de manhã. Então não é um tipo de atividade em que se coloca o caderninho de baixo do braço e chega lá. Normalmente, tem que ter assistido ao espetáculo, tem gente que nem vai ao espetáculo, o aluno da Escola de Espectadores tem que ir ao espetáculo e ainda vai para aula aos sábados (risos). Eu estou brincando para te colocar o que pode representar para alguém, que está meio que balançando, não ir. Tem alunos que estão desde o início, são os “selvagens cães de guerra”, um apelido que carinhosamente lhes dei. Esses alunos “vestiram a camiseta”, eu acho que não só da Escola, são pessoas que gostam de conversar, que gostam de emitir opinião, que gostam de exercitar independência intelectual e sensível deles. Mas, a média é por volta de 40 (quarenta) alunos. No início do ano tem cerca de 120 (cento e vinte) inscritos, que caberiam com dificuldade na Sala Álvaro Moreyra. Mas, qual é o número máximo de alunos em uma aula para que eles se sintam à vontade para falar, para que tudo corra de uma maneira orgânica, para que todos tenham oportunidade de se expressar? Essa também é uma questão. Eu acho que por volta de 40 (quarenta) é um número bom. Essa parte vivencial é muito importante. Eu te falei do café, eu te falei da luz e eu posso te dizer que o uso do microfone também é uma coisa que, de alguma maneira, afasta. O microfone é um complicador. Isso são coisas que nós teríamos que ver ao longo do tempo. Mas, é possível perceber uma sintonia fina. A Escola de Espectadores não perde de vista o indivíduo; por essas observações que eu estou fazendo é possível perceber como a relação interpessoal é considerada, na luz, no café, por conhecer pelo primeiro nome os alunos, por ter um tempo para conversar no intervalo, não usar o microfone, estar atento para a dinâmica de aula e só interferir quando é realmente indispensável. Então se vê que existe uma sintonia fina no nível pessoal, não é só pergunta e resposta, é uma coisa humana e respeita

esse diferencial que as artes cênicas têm, que não pode ser perdido nunca, que é o vivencial, a convivência, a coisa está acontecendo naquele momento e as pessoas se sentem com o poder de interferir.

Entrevistadora: *As aulas da EEPA tratam de espetáculos das diferentes linguagens artísticas?*

Renato Mendonça: De alguma maneira, principalmente em tempos de festivais, isso acaba acontecendo. Especialmente durante o Porto Alegre em Cena e o Festival Internacional de Teatro de Rua de Porto Alegre, os alunos acabam tendo acesso e contato com outras formas. Alguns espetáculos de dança foram sugeridos por nós durante do Palco Giratório.

Entrevistadora: *As aulas regulares da EEPA são mais centradas no teatro?*

Renato Mendonça: São. Como eu te disse, a Escola ainda está em implantação. Eu me sinto à vontade para falar sobre teatro. Eu sou dramaturgo; nós agora vamos lançar um núcleo de críticos aqui (ver site <<http://www.agoracriticateatral.com.br/>>.) De teatro, posso falar. Quando era jornalista, fui a vários festivais, fora daqui. Fiz Mestrado em Artes Cênicas. Então, sobre isso eu posso falar. Na situação atual, é importante garantir a continuidade da Escola. Porque, de repente, e isso pode ser visto nas próprias temporadas, se compararmos as temporadas dos grupos de teatro com os grupos de dança, a produção de dança é bem menor. Então, existe um interesse estratégico de manter uma frequência de alunos. No momento em que começarmos a experimentar demais, esse número pode cair. Essa é uma luta quinzena a quinzena. Na medida em que a gente for ficando mais forte, nós vamos experimentando outras coisas.

Entrevistadora: *Por que vocês optaram por aulas quinzenais?*

Renato Mendonça: Foi muito pela intuição. A gente sabia que em Buenos Aires as aulas eram semanais e eram com duas turmas. Mas nós também sabíamos do número de peças em cartaz em Buenos Aires, da tradição teatral de lá e a quantidade de público estabelecido que eles têm. Então, o Breno e eu, analisando a quantidade de espetáculos em cartaz em Porto Alegre, chegamos a essa periodicidade e acho que acertamos.

Entrevistadora: *Como funciona a seleção dos espetáculos-tema das aulas da Escola de Espectadores?*

Renato Mendonça: Normalmente parte de mim. Estou sempre em contato com o Breno. Fazemos uma “conta de chegada” que considera quantas sessões ainda há do espetáculo, se ele é interessante para a Escola de Espectadores em termos de estética, se nós não vamos repetir um grupo ou se a gente não vai fazer uma aula repetitiva.

Entrevistadora: *A EEPA é um projeto da CAC da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. Esse vínculo é determinante para a escolha dos espetáculos-tema das aulas?*

Renato Mendonça: Não.

Entrevistadora: A EEPA trata de espetáculos de diferentes circuitos do teatro porto-alegrense, como no caso da Escola de Espectadores de Buenos Aires que trata de espetáculos do circuito independente, oficial, comercial, entre outros?

Renato Mendonça: Nós não queremos ser um gueto estético para tratar apenas do teatro contemporâneo que seja esteticamente provocativo ou algo assim. Nós também queremos discutir espetáculos que tenham um apelo de público maior, espetáculos que não sejam tão complicados esteticamente, que sejam mais acessíveis ao grande público. Nós reconhecemos vários gêneros de teatro, vários níveis de tratamento estético e isso tem que estar dentro da Escola. Ainda não está como a gente queria.

327 ■

Recebido em: 12/08/2015 - Aprovado: em 09/11/2016